



ENTRE SILÊNCIOS E MURMÚRIOS: A BIBLIOTECA ESCOLAR NO COLÉGIO FARROUPILHA (PORTO ALEGRE/RS, 1949-2000)

BETWEEN SILENCE AND MURMUR: THE FARROUPILHA'S SCHOOL LIBRARY (PORTO ALEGRE/RS, 1949-2000)

Roberta Barbosa dos Santos *

Doris Bittencourt Almeida **

Resumo: Este estudo inscreve-se no campo da História da Educação e assenta-se nos postulados da História Cultural, e tematiza a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, entre 1949 e 2000. Como corpus documental, têm-se documentos mantidos pela instituição, que serviram de suporte para compreender a trajetória desta biblioteca escolar e seus significados para um grupo de estudantes. Para além desses documentos escritos, entrevistaram-se quatorze sujeitos que tiveram aproximações com a biblioteca. Buscou-se construir uma narrativa sobre a biblioteca do Colégio Farroupilha, valorizando os usos que um grupo de alunos mantinha com o espaço, evidenciando diferentes apropriações feitas por estes estudantes da biblioteca, tendo como ponto em comum sua sacralidade, envolta pela simbologia do silêncio. Entre idas espontâneas ou fugidias; entre leituras impostas ou prazerosas, entre devoção ou repulsa à sua quietude, buscou-se problematizar os significados da biblioteca do Colégio Farroupilha.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Biblioteca e silêncio. Práticas de leitura.

Abstract: This paper is part of the field of Education History and build its bases in the grounds of Cultural History, this study's object is the Farroupilha's school library from 1949 to 2000. Written documents kept by this institution were used in order to understand the trajectory of the school's library and its meaning to a group of students. Beyond these documents, fourteen subjects that have had contact with the library were also interviewed. The goal of the study was to build a narrative of the Farroupilha's school library, emphasizing the uses of the space by the group of students. It also aimed to highlight the different appropriations of the library made by the students, with the common ground being its sacred aspect surrounded by the symbolism of the silence. Between spontaneous visits or escapes, between imposed readings or pleasing ones, between devotion or repulse to its quietness, this study tried to question the significance of Farroupilha's school library.

Keywords: School library. Library and silence. Reading practice.

* Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Rede Estadual de Ensino.
E-mail: bs_beta@hotmail.com

** Professora de História da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: almeida.doris@gmail.com



Os indícios do itinerário do *lugar dos livros*

Nesses escritos, narra-se o percurso da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha¹, instituição de ensino da rede privada de Porto Alegre. Objetiva-se investigar a historicidade do *lugar dos livros* e compreender de que modos ela se fez presente no cotidiano de um grupo de funcionárias da escola e de estudantes. A temporalidade da pesquisa se deve ao documento mais antigo encontrado: uma foto da biblioteca em um relatório datado de 1949, e estende-se até o ano 2000, por ter sido o ano em que uma de suas primeiras funcionárias aposentou-se. Inscreve-se no campo da História da Educação e assenta-se nos postulados da História Cultural, tendo como inspiração estudos acerca da história das bibliotecas, da memória e história oral.

Entendendo a biblioteca como um lugar de leitura, pesquisa e conservação do saber coletivo por meio do escrito, a pesquisa se apropria da afirmativa de Umberto Eco (2010) ao defender que a mesma teve seu passado e terá seu futuro dedicado ao livro e sua conservação, o que a torna um “templo da memória vegetal”. Para Eco, “uma biblioteca é a melhor imitação possível, por meios humanos, de uma mente divina, onde o universo inteiro é visto e compreendido ao mesmo tempo” (ECO, 2003, s/p).

O olhar do senso comum traz à tona uma representação de biblioteca envolta por uma exigência de silêncio compreendida universalmente, portadora de sacralidade para atender a um padrão de comportamento ritualizado. Ainda assim, leitores ditos *transgressores* arriscam alguns murmúrios entre suas estantes cheias de livros. No cinema e na literatura, muitas vezes, ela é cenário de grandes mistérios. A obra *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco (1980), transformada no filme homônimo por Jean-Jacques Annaud, retrata uma biblioteca em um mosteiro medieval, intocável, guardião de uma infinidade de segredos que a Igreja pretendia manter sob sigilo e proteção. Tudo isso, de alguma forma, foi transportado para este estudo: silêncios, murmúrios, mistérios e segredos que compõem uma história.

Os silêncios, nesta pesquisa, representam documentos não encontrados, que se perderam no tempo, que tiveram o descarte como destino final. Os silêncios representam

¹ O Colégio Farroupilha foi fundado pela Associação Beneficente e Educacional (ABE), uma entidade filantrópica e de utilidade pública, constituída por imigrantes alemães, em 1858. Sua criação se deu com o objetivo de oferecer amparo, assistência social, colocação de empregos e orientação profissional aos imigrantes alemães e seus descendentes. A ABE é a mantenedora do Colégio Farroupilha, em Porto Alegre, desde o final do século XIX. Para maiores informações ver JACQUES, 2013.



também o esquecimento daqueles que não estiveram dispostos ao exercício da memória. E, ainda, uma falha no gravador durante uma entrevista, e o falecimento inesperado desta entrevistada, de quem ainda se esperava ouvir muitas histórias. Mas como toda biblioteca possui seus murmúrios, aqui eles evidenciam os documentos localizados, as vozes sincronizadas ou dissonantes, a fala mansa dos entrevistados como que em respeito e devoção ao espaço quase que sagrado da biblioteca.

Este conjunto de documentos é composto pelo diário de gestão da diretora Iracema, escrito entre 1968 e 1973, numa espécie de prestação de contas de seus feitos à instituição mantenedora do colégio; o resultado de uma enquete sobre preferências de leitura apresentado à direção pelas bibliotecárias, em 1968; algumas listas de leitores assíduos, entre os anos de 1969 e 1988; e uma fotografia da biblioteca encontrada em um relatório de verificação da instituição em 1949. Para além dessa documentação escrita, foram produzidas entrevistas que permitiram conhecer um pouco da história desta biblioteca a partir das lembranças de quem a frequentou, enquanto funcionárias ou alunos.

Para Ginzburg (1990), os sinais que são apresentados neste estudo representam zonas privilegiadas que possibilitam interpretar uma realidade. Para o autor, o paradigma indiciário constitui-se de “formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que [...] sua regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas” (GINZBURG, 1990, p.179). No mesmo sentido, Hartog, baseado em Michelet, sugere que “o historiador, caminhante das galerias dos arquivos e visitante dos mortos, deve de fato saber ouvir ‘os murmúrios de uma grande quantidade de almas sufocadas’” (HARTOG, 2003, p.172). Nóvoa (2015) também alerta para a importância do historiador perceber não somente os processos e conflitos da história, mas também seus silêncios. Apoiado nestas ideias, este estudo se arrisca a investigar não apenas os murmúrios, mas também os silêncios da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, apostando que ambos possam auxiliar a tecer sua trajetória.

A partir destes documentos, constatou-se que a biblioteca no Colégio Farroupilha teve sua história atravessada por diferentes momentos. Iniciou na sede antiga da instituição, conhecida hoje como *Velho Casarão*, ainda no Centro Histórico de Porto Alegre, sem precisão de data. Sabe-se apenas que, em 1949, ela já existia, em virtude da foto no relatório já referido. Quando o colégio transferiu-se para o bairro Três Figueiras, em 1962, ela acompanhou a mudança, porém, ainda sem a grandiosidade que viria a ter anos mais tarde. E



em 1968, foi criada a *nova* biblioteca, que viria a se chamar Manoelito de Ornellas um ano mais tarde, através de eleição do nome de seu patrono².

Assim, em um primeiro momento, entrevistaram-se uma ex-diretora, que foi também aluna e professora do Colégio, quatro ex-funcionárias da biblioteca e um aluno que acompanhou algumas transformações da escola e da biblioteca, entre os anos 1950 e 1960. Todas essas entrevistas tiveram o intuito de conhecer as inspirações, o funcionamento e o significado da biblioteca no contexto da instituição.

Após um tempo refletindo sobre as questões trazidas por estes depoentes, recorreu-se aos depoimentos de um grupo de oito ex-alunos, que tiveram seus nomes encontrados nas listas leitores assíduos da biblioteca, documentos estes produzidos pelas bibliotecárias e encontrados no período de 1969 a 1988. O propósito das entrevistas é que pudessem narrar as experiências vividas na biblioteca. Grazziotin e Almeida discutem a legitimidade metodológica da produção da narrativa de memória, “a história oral é a metodologia aplicada no intuito de operacionalizar o diálogo entre teoria e dados empíricos, promovendo outras perspectivas de conhecimento do passado” (2012, p.36).

As entrevistas³ foram realizadas com vistas a escutar um pouco da história do Colégio Farroupilha e de sua biblioteca através das memórias de quem vivenciou de perto no tempo o momento de investigação desta pesquisa. Bibliotecárias e alunos ocupam lugares de sujeito distintos (PINTO, 1989). Os estudantes narraram suas versões acerca da história da biblioteca, a partir das vivências enquanto frequentadores da mesma, sendo que alguns iam apenas uma vez por semana e outros a visitavam diariamente. Já as bibliotecárias relataram suas atividades de trabalho, atreladas aos afazeres cotidianos de sua atividade profissional. Para a

² No ano seguinte à sua inauguração, foi realizada eleição para a escolha do patrono da biblioteca. Entre os nomes sugeridos, todos ligados à literatura gaúcha, estavam Manoel de Araújo Pôrto Alegre, João Simões Lopes Neto, Francisco Vieira Caldas Jr., Alceu Wamosy e Alcides Castilho Maya e o vencedor, Manoelito de Ornellas. Nascido em 1903, era natural de Itaqui (RS), foi grande conhecedor da história do estado. Publicou diversas obras, atuou como professor nas Universidades Federais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, foi jornalista e diretor da I Imprensa Oficial e diretor da Biblioteca Pública. Colecionou muitos prêmios e títulos durante a sua carreira, entre eles o Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras, em 1968, ano de inauguração da Biblioteca, e morreu no ano seguinte. Para tentar compreender essa escolha, cabe lembrar que trata-se de um tempo que herda do Positivismo a prática de nomear instituições, ruas e cidades com nomes de grandes homens. Além disso, elege-se como patrono alguém identificado ao tradicionalismo gaúcho, escolha coerente com a história do colégio, que, ao longo do século XX, assumiu uma identidade atrelada aos ideais nacionalistas com forte marca regional (ALMEIDA, 2014).

³ Os entrevistados tiveram suas identidades preservadas, recebendo pseudônimos de personagens da literatura que, de alguma forma, tiveram papel importante em suas experiências na biblioteca. As funcionárias receberam nomes de personagens que aparecem na enquete sobre preferências de leitura. Já os alunos tiveram seus nomes inspirados nos personagens das próprias leituras que lhes foram marcantes na infância, conforme seus relatos.



maioria delas, aquele foi seu primeiro emprego, sendo que para uma, foi o único emprego de sua carreira profissional, o que denota um significado distinto.

Diante da motivação provocada pela leitura do diário produzido por uma ex-diretora, estava escolhida a primeira entrevistada. Iracema constitui-se em uma figura emblemática neste estudo, por ter sido aluna, professora e diretora do Colégio Farroupilha. A segunda entrevistada foi uma professora de Artes Aplicadas que auxiliava as bibliotecárias no trabalho de restauração de livros. Outra depoente importante foi Clarissa⁴, uma das primeiras bibliotecárias de formação a trabalhar no local, atuando no período de 1968 a 2000, quando se aposentou e deixou a escola⁵. Na sequência, uma conversa com Helena, que iniciou as suas atividades na instituição em 1976 como auxiliar de biblioteca. Em 1980, concluiu o Curso de Biblioteconomia e assumiu, oficialmente, a atividade de bibliotecária, ocupando o lugar de coordenação do espaço após a aposentadoria de Clarissa, até dezembro de 2011. Por fim, a entrevista com Poliana, que passou a fazer parte da equipe em 1988, como contadora de histórias. Em 1993, concluiu o Curso de Biblioteconomia e tornou-se bibliotecária, deixando a escola em julho de 2011.

É possível observar que as três entrevistadas, em determinados períodos de suas trajetórias na instituição, tiveram contato umas com as outras. O fato de terem exercido funções diferentes, e em momento distintos, é favorável para que haja uma possível variedade nos relatos de suas atividades e do cotidiano da biblioteca.

Pode-se dizer que esse conjunto de narrativas, que inicia com Iracema e se estende a essas quatro profissionais do Colégio, permitiu melhor compreender os itinerários da biblioteca escolar. Como complemento, o depoimento do ex-aluno do *Velho Casarão*, Victor, frequentador da biblioteca, que acompanhou a transferência da escola do Centro Histórico da cidade, no último ano do Curso Científico, em 1962, portanto não acompanhou a construção da Biblioteca Manoelito de Ornellas. Recebeu este pseudônimo em função do personagem da obra de Julio Verne, “Viagem à Lua”, da qual guarda algumas recordações.

⁴ A entrevista com Clarissa se constituiu em um momento rico e possibilitou, posteriormente, muitos outros questionamentos e curiosidades acerca da biblioteca, que, imaginava, viriam a ser respondidas em uma segunda entrevista. Entretanto, a narrativa de Clarissa constitui, nesta pesquisa, dois grandes silêncios. Primeiramente, porque ocorreu uma falha no gravador durante a entrevista, o que torna suas lembranças palpáveis apenas por meio do registro feito no caderno de campo. O segundo silêncio se faz pelo falecimento de Clarissa em fevereiro de 2015, calando a narrativa de suas memórias.

⁵ O ano de aposentadoria de Clarissa serve como marco final da temporalidade desta pesquisa, devido às suas experiências significativas junto à biblioteca.



Além de Victor, na sequência, outros oito ex-alunos também foram entrevistados. Entretanto, tiveram relações com momentos diferentes da biblioteca. Enquanto Victor foi usuário da biblioteca *antiga*, estes oito alunos frequentaram a *nova* biblioteca, criada em 1968. A tabela a seguir apresenta este grupo de estudantes que frequentou a Biblioteca Manboelito de Ornellas. As leituras que eles recordam, na segunda coluna da tabela, serviram para ajudar a escolher seus pseudônimos:

Tabela 4: Dados dos ex-alunos entrevistadas

Ex-aluno(a)	Obras ou autores lidos na juventude	Idade	Atuação profissional	Período em que foi aluno
Ariadne	Livros da Ágatha Christie	44	Coordenadora pedagógica	1976 a 1984
Lula	“Turma do Posto 4”	45	Cirurgião-dentista / periodontista	1976 a 1987
Konrad ⁶	-	45	Advogado	1977 a 1987
Eurico	“Caranguejo Bola”	44	Gerente de Pesquisa e Desenvolvimento	1979 a 1987
Bianca	“Aventuras de Tin Tin”	46	Gerente de Tecnologia da Informação	1979 a 1985
Rodrigo	Livros de Erico Verissimo	45	Diretor em empresa de engenharia	1977 a 1987
Carlão	“Turma do Posto 4”	45	Área financeira	1975 a 1987
Eloísa	“A Inspetora”	43	Professora	1976 a 1989

Ao observar as informações apresentadas pelos ex-alunos, é possível perceber que pertencem a uma camada econômica abastada de Porto Alegre, considerando as peculiaridades do Colégio Farroupilha e suas afinidades com a elite germânica da cidade. Trata-se de uma instituição de ensino que carrega as marcas da burguesia porto-alegrense do final do século XIX e século XX.

A variedade das atividades profissionais que cada ex-aluno exerce hoje, ajuda a pensar a partir de que lugar cada um *enxerga* seu passado no Colégio, notadamente as possíveis relações que estabeleceu com a biblioteca. Para Janaina Amado, “toda narrativa articula alguns elementos, como: quem narra, o quê narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra” (AMADO, 1995, p.133). Portanto, estas informações auxiliam a pensar o lugar de sujeito de onde cada entrevistado fala sobre suas memórias.

Ao longo das entrevistas, solicitou-se que abordassem um pouco de suas trajetórias no colégio: enquanto as funcionárias narraram sua rotina diária naquele espaço, que era o seu local de trabalho, os alunos mencionaram como era ser – ou não – um usuário da biblioteca.

⁶ Konrad, que demonstrou não ter muitas recordações da biblioteca e dos usos que fazia dela, não soube citar uma leitura que tenha marcado sua juventude. Portanto, recebeu este pseudônimo em virtude do personagem de Sándor Márai, no livro *As Brasas*, por ser um personagem que passa todo o enredo com pouquíssimas falas.



Em seguida, recorreu-se a um roteiro⁷ elaborado previamente, com algumas questões consideradas relevantes sobre o colégio e sua biblioteca. Estes relatos auxiliam a contar os itinerários da biblioteca no Colégio Farroupilha, evidenciando ora *murmúrios*, ora uma *fala mais eloquente*, conforme as experiências de quem as narra.

Ouvindo murmúrios...

A escassez de documentos referentes à biblioteca antiga no Colégio Farroupilha, e as poucas lembranças dos entrevistados referentes aquele lugar, faz-nos pensar na ideia destes relatos enquanto murmúrios.

De acordo com o que foi relatado nas entrevistas com a ex-diretora e ex-funcionárias, entende-se que, na sede do Centro Histórico, a biblioteca era um espaço composto, em sua maioria, por doações. Conforme narrativa de Iracema, este lugar localizava-se na sala dos professores, e os livros serviam apenas para consulta local. Segundo ela, os alunos obtinham os seus materiais de ensino e livros em geral por meio de compra em locais externos ao colégio, mas, esporadicamente, frequentavam este local:

Eu fui aluna do Colégio Farroupilha toda minha vida escolar, desde os meus sete anos, então o que eu me lembro de biblioteca foi assim, uma biblioteca em que os livros eram encapados com um tecido xadrezinho. Não me lembro de empréstimo; me lembro que a gente esporadicamente ia naquele local, onde também era a sala dos professores, então, era no segundo andar, na parte dos fundos do colégio, do Velho Casarão [...]. Depois, como professora [...], te confesso que nunca se falava em livros e em biblioteca. Eu não recordo. A gente recomendava muito o uso de livros que as crianças tinham em casa, que os pais propiciavam, mas da escola eu não recordo, e eu tenho quase certeza que eu nunca usei. Em primeiro lugar, a gente não tinha a estrutura de biblioteca propriamente dita (Entrevista, fevereiro de 2014).

Iracema preocupa-se em enfatizar que havia uma biblioteca no seu tempo de aluna, entretanto, não recorda da biblioteca anos mais tarde, quando já era docente do colégio. Este fato sugere um questionamento: teria Iracema esquecido suas experiências na biblioteca neste período? Teria ela focado mais em sua vivência de gestão durante a criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas, evidenciando um discurso meritocrático? Ecléa Bosi (1997), ao narrar as suas experiências com memórias de velhos, explica que a veracidade dos relatos feitos por

⁷ Para as ex-funcionárias, as questões voltaram-se para seus afazeres cotidianos na biblioteca, para como viam a relação dos alunos com este espaço, sobre os documentos criados por elas e a relação dos mesmos com apropriações que os alunos faziam da biblioteca. Já os ex-alunos foram questionados sobre como era ser considerado um *bom* leitor, sobre os usos que faziam da biblioteca, sobre como realizavam suas leituras.



seus entrevistados deve ser motivo de preocupação, pois os “erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”, estando o interesse “no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1997, p.37)⁸.

Quanto ao constante uso de livros pelos alunos, como a ex-diretora anuncia, possivelmente há relação com o fato de o colégio abranger, em sua maioria, alunos filhos da burguesia alemã de Porto Alegre, e isso provavelmente promovia a prática da leitura privada no circuito doméstico.

Victor também recorda os seus tempos de aluno, entre 1951 e 1962, e narra as suas lembranças sobre o espaço destinado aos livros no Colégio Farroupilha, ainda na sede antiga:

Tinha um horário dedicado à biblioteca [...], como se fosse uma disciplina chamada “biblioteca”. Então íamos para lá e tinha um livro que a gente tinha que ficar lendo naqueles horários da semana [...]. E eu tenho uma frustração, porque eu estava lendo “Viagem à Lua”, do Júlio Verne, e não consegui terminar. Terminou o ano, e no ano seguinte não tinha [...]. E não era assim uma coisa muito intensa, eu tenho lembrança de que era de vez em quando, não era uma coisa super enfatizada, mas existia sim [...]. Depois eu li obviamente, depois de adulto. Aquilo me lembro que ficou um vazio na época (Entrevista realizada em novembro de 2014).

Victor apresenta um elemento novo à trajetória do livro no Colégio Farroupilha: segundo a sua narrativa, existia um período no horário escolar destinado ao uso da biblioteca. Se Iracema diz que, no seu tempo como aluna, o acesso à biblioteca era esporádico, já Victor afirma que o uso daquele espaço era frequente. Importa reforçar que estamos tratando de pessoas com idades diferentes, ou seja, enquanto ele iniciou os seus estudos em 1951, Iracema já havia iniciado uma década antes.

Conforme a fala do ex-aluno, supõe-se que o uso da biblioteca repercutiu nos anos seguintes de sua vida, pois narra um vazio deixado por uma obra, a qual não conseguiu concluir a leitura, somente realizando-a anos mais tarde, fora do ambiente escolar. Além disso, este fato sinaliza que, provavelmente, havia um descarte de livros, pois um livro lido em um ano já não existia mais no ano seguinte. Outra hipótese seria pensar que havia livros que alguns estudante levavam para casa e não devolviam, pois é possível que o controle nos empréstimos não fosse tão eficaz, conferindo certa informalidade pautada na confiança entre bibliotecárias e usuários.

⁸ Grifo da autora.



Outro ponto importante é o espaço da biblioteca, que, ao que parece, já não era dividido com a sala dos professores, como diz a ex-diretora. Victor narra, usando as mãos para indicar a sua localização:

Era uma peça relativamente pequena [...]. Lembro de umas prateleiras com livros, mesinhas para sentar e ler [...]. Naquele pátio central [...] onde tinha um mastro, no casarão. Passava o corredor principal, passava o relógio, tinha o mastro da bandeira, escada, aí era a biblioteca [...] (Entrevista, novembro de 2014).

Neste lugar, conforme as suas palavras, havia prateleiras e mesas com cadeiras para sentar e desfrutar de momentos de leitura. Sua narrativa sobre a estrutura física do espaço, remete a uma foto da biblioteca em 1949.

Figura 1: primeiro indício da presença de uma biblioteca escolar no Colégio Farroupilha



Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

A fotografia da biblioteca sugere um espaço singelo, onde havia estantes com livros, mesas e cadeiras, entre outros diversos artefatos. Chama atenção o cartaz fixado atrás na porta, na figura de um livro, pode-se inferir que o escrito seja um incentivo à prática da leitura, parecem ser letras góticas. Mesmo considerando que não existe espontaneidade nas fotografias, percebe-se um cuidado com o lugar que se evidencia na organização dos livros, na disposição de mesas e cadeiras. Sobre cada mesa, um vaso com flores sobrepostas a um guardanapo evidencia zelo e uma certa delicadeza com a apresentação da biblioteca a seus leitores. Também se destaca a presença da bandeira do Brasil em quadros fixados na parede, traço da nacionalização do ensino nas escolas alemãs e da necessidade da instituição escolar



assumir uma identidade nacional, afastando-se de suas características germânicas (JACQUES, 2015).

Parece que, aos poucos, o lugar destinado aos livros foi sofrendo algumas mudanças, sendo a principal delas procedente do investimento realizado no final da década de 1960. Como exemplos deste investimento, estão a arrecadação de dinheiro para compra de material e a aplicação de uma enquete sobre preferências de leitura dos alunos. Essas ações aconteceram após a mudança de sede do Colégio Farroupilha, resultando na construção da Biblioteca Manoelito de Ornellas, em 1968.

A criação de uma *nova* biblioteca: dos murmúrios à fala eloquente

Se os indícios da existência de uma biblioteca anterior constituem-se como murmúrios, devido às raras informações sobre a mesma, as pistas sobre a criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas, em 1968, e as histórias que constituem a trajetória da mesma podem ser consideradas uma *fala eloquente*, em função da riqueza de documentos e de lembranças narradas.

A partir desta data, provavelmente, passou a existir ao menos uma preocupação das bibliotecárias em guardar documentos referentes à história a biblioteca, numa intenção de arquivar este espaço, o que reforça a ideia de uma maior institucionalização da biblioteca escolar, que talvez no passado não houvesse.

Em 1962, o colégio passou a ter a sua sede no Bairro Três Figueiras, distante do Centro Histórico. Seis anos mais tarde, foi criada a Biblioteca Manoelito de Ornellas, contando, inicialmente, com um acervo com cerca de 5 mil livros, conforme informação obtida no diário da ex-diretora.

Alguns meses antes desta criação, na gestão da Diretora Iracema, deu-se início à “Ação Biblioteca”, campanha que visava à arrecadação de fundos para a construção do acervo de livros. Segundo Iracema, as turmas realizavam uma competição no intuito de arrecadar uma maior quantidade de dinheiro, o que proporcionou uma imensa satisfação ao colégio.

Segundo a ex-diretora, a estrutura da biblioteca foi projetada por uma arquiteta, ex-aluna do Colégio, filha da professora que idealizou o lugar. Esta professora parece ter sido uma aliada da direção no momento de criação e no funcionamento da biblioteca. Conforme Iracema:



Então, começamos muito inspirados, instigados, inclusive, por uma pessoa que era de uma cultura invejável, e que não podia mais ser professora, ela teve um problema nas cordas vocais, então a gente aproveitou essa vocação maravilhosa dela, conhecedora de livros, uma cultura invejável [...] (Entrevista, fevereiro de 2014).

Entende-se que havia uma certa intenção na escolha daqueles que seriam os responsáveis pelas bibliotecas escolares, ou seja, era preciso ser possuidor de determinados traços de personalidade, denotando um capital cultural, talvez diferenciado entre o corpo docente. Nesse sentido, Vidal afirma que os encarregados pelas bibliotecas eram, geralmente, pessoas que tinham o gosto pela leitura. Complementa, ainda, que a guarda das bibliotecas era “confiada a alunos escolhidos e a direção entregue a professores ou diretores, responsáveis também pela seleção de livros” (VIDAL, 2004, p.198).

A questão da vocação, presente na fala de Iracema, remete à ideia proposta pela Revista do Ensino⁹, em que as bibliotecárias eram vistas como pessoas que nasceram com o *dom* de bem administrar uma biblioteca, dotadas de características peculiares, tais como zelo e amorosidade para com o ofício.

Conforme relato da ex-diretora, nota-se a importância exercida pela figura desta professora na biblioteca e a sua *vocação* para o ofício, nas suas próprias palavras. Além disso, sem negar a função de um bibliotecário, afirmou ser fundamental a presença de alguém com formação pedagógica atuando na biblioteca, capaz de orientar alunos e professores.

Com a mudança do prédio e a constituição da Biblioteca Manoelito de Ornellas, imprimiu-se um novo modelo de biblioteca escolar mais afinado aos conceitos da modernidade pedagógica e do escolanovismo. Ao que tudo indica, naquela realidade escolar, à medida que mudaram as concepções pedagógicas, que acompanharam a troca de prédio, o livro deixou de ser um objeto de consulta local e passou a acompanhar os alunos e professores às suas casas.

Ainda no primeiro ano de existência, a bibliotecária Clarissa foi contratada, juntamente à professora idealizadora e a outras professoras que lá já trabalhavam. Iracema afirma que esta parceria entre bibliotecária e professora era fundamental para exercer um trabalho “completo” na biblioteca, pois, enquanto a primeira tratava da parte técnica, a segunda era responsável pelo contato com os alunos.

⁹ A Revista do Ensino foi considerada uma das principais fontes de formação para professores no Rio Grande do Sul no século XX, tomada como importante veículo de informação, disseminadora de orientações pedagógicas, dentre eles, prescrições para a criação, funcionamento e manutenção de bibliotecas escolares.



Em 1976, foi criada a *Bibliotequinha*, tendo em vista a importância de um atendimento diferenciado aos alunos de primeira a quarta séries. Nela, além de espaço para leitura e setor de empréstimo, ainda hoje são realizadas atividades como hora do conto e teatro.

Esta seção teve o intuito de apresentar um pouco do percurso da Biblioteca Manoelito de Ornellas, os parágrafos a seguir buscam analisar os usos que se faziam neste espaço, contribuindo para a tessitura desta trajetória.

Um espaço de múltiplos usos

Este tópico busca compreender a relação de alguns estudantes com a Biblioteca Manoelito de Ornellas, a partir dos relatos dos usos que faziam da mesma. Além das narrativas dos ex-alunos, os modos como a biblioteca concebe seus alunos leitores, conforme análise de alguns documentos, também são uma forma de perceber sua trajetória. Com base nos documentos analisados, é possível tecer considerações acerca da representação de leitor formada pela biblioteca sobre os seus alunos, o que também faz parte de sua história.

Conforme Goulemot,

Assim como existe uma história das bibliotecas, da leitura, de seu estatuto [...], existe também uma história ainda por escrever dos interesses que elas suscitam, das paixões que elas fazem nascer. Segundo o suporte do “livro” [...] ou o lugar utilizado para a leitura [...], vínculos diferentes se criam com o livro e a biblioteca e constituem-se estatutos, usos, outras práticas de leitura [...] (GOULEMOT, 2011, p.22).

Sendo assim, as palavras de Goulemot auxiliam a perceber e interpretar os usos que os alunos faziam da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, por meio dos discursos produzidos nos documentos da instituição e das próprias narrativas dos entrevistados.

Os documentos analisados são aqui tomados, como portadores de uma memória, que pode ser interpretada das mais variadas formas. Um deles foi o resultado de uma enquete sobre preferências de leitura dos alunos, encaminhada à direção do Colégio, realizada alguns meses antes da criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas (Figura 13).

A ex-diretora não possuía nenhuma lembrança desta enquete no momento da entrevista, e as ex-bibliotecárias entrevistadas ainda não eram funcionárias da instituição em sua fase de elaboração, o que dificulta uma análise esmiuçada de tal documento. O que se pode inferir é que o mesmo parece ter sido elaborado com vistas a criar um acervo baseado



nas preferências dos alunos. Não se sabe, entretanto, de que forma a enquete foi aplicada, em que momento os discentes a responderam, se a levaram para casa, se responderam as questões oralmente ou se as questões eram de múltipla escolha ou dissertativas.

Apesar do caráter lacunar, próprio de qualquer documento investigado, podem-se observar algumas questões. Entre as perguntas, destacam-se às referentes ao gênero literário, autores e aos livros preferidos dos alunos. Chama a atenção a grande adesão ao gênero romance, em especial pelas meninas. Os contos, geralmente associados ao público infantil, por exemplo, não aparecem nos resultados.

Cabe ressaltar que, dentre os autores mencionados no resultado da enquete, nem todos escreviam para o público infantil, outro fato que leva a considerar o seu resultado um tanto duvidoso. Além disso, há apenas uma mulher na lista e são raros os autores brasileiros. Levando em conta a época e a idade do público em questão, há que se estranhar também os poucos votos para Walt Disney, em relação a José de Alencar, por exemplo, que, ao que se conhece, não possuía obras dedicadas ao público infantil – como diversos outros autores mencionados na lista.

Para Peter Burke, “os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação” (2008, p.33). Portanto, ao mesmo tempo em que se deve levar em conta o interesse do Colégio Farroupilha em conhecer melhor os seus alunos na condição de público leitor, a fim de pensar em um acervo que valorizasse as suas preferências, faz-se necessário refletir sobre os meios pelos quais os entrevistados obtiveram conhecimento destes autores, a ponto de tê-los elencado como seus *preferidos*.

Foram localizadas também 18 listas com nomes dos alunos dos diferentes graus de ensino que mais retiravam livros na biblioteca, datadas com os seguintes anos: 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1979, 1980, 1982 e 1988. Os títulos das listas variam entre “Leitores mais assíduos”, “Melhores leitores” e “Leitores premiados”. Percebe-se que algumas listas foram escritas à mão, enquanto outras, datilografadas. Quem assina a maioria das listas analisadas é a ex-bibliotecária Clarissa. Ela relatou que as mesmas foram criadas com o intuito de reconhecer, valorizar e incentivar o hábito da leitura na comunidade escolar. A ex-aluna Bianca lembra de como era feita a divulgação destas listas e valoriza o reconhecimento pela biblioteca considera-la uma *boa* leitora:



Lembro sim, eram divulgadas nos murais dos corredores. Eu retirava um livro e na devolução já pegava outro para ler. Tenho muito orgulho deste reconhecimento por parte da biblioteca (Entrevista, julho de 2015).

Em 1988, os alunos destacados na biblioteca foram premiados com livros, conforme consta na lista. Para Clarissa, era uma forma de reconhecer e seguir incentivando a prática da leitura entre os alunos. Cumpre destacar que esta prática já era comum nas primeiras décadas do século XX, pois Diana Vidal aponta que “ao fim do ano letivo, como lembrança e convite à continuidade da leitura, livros eram distribuídos pelo Departamento de Educação, através da Biblioteca Central de Educação, aos alunos” (VIDAL, 2004, p.197). Helena explica como ocorria esta premiação, e complementa a fala de Clarissa:

Premiávamos os com maior número e menos devoluções atrasadas. Os alunos adoravam, o prêmio era sempre um livro adequado à faixa etária do aluno [...]. O objetivo era uma forma de cativar os leitores, valorizar os que liam e tentar chamar a atenção dos outros. Fazíamos uma solenidade na biblioteca para a entrega dos prêmios. (Entrevista, abril de 2015).

Alguns ex-alunos também recordam desta premiação. Ariadne diz que:

Eu lembro que a gente ganhava livro... livrinhos pequenos, enfim, mas se a gente mantivesse em dia as entregas, as devoluções, no final tu era de certa forma premiado com um livro. Era pra quem realmente fazia as entregas em dia, que fazia esse volume, mas que lia né (Entrevista, junho de 2015).

A ex-aluna afirma que era preciso realizar a leitura das obras retiradas da biblioteca para ganhar o prêmio. Por outro lado, Rodrigo afirma que apenas a retirada do livro era suficiente:

Na real tu não precisava nem ler os livros [...]. Tinha gente que não lia livro nenhum, ficava na pasta o tempo inteiro, e quando chegava: “ah, vamos lá na biblioteca”, aí pegava o livro, ou trocava, renovava e ganhava o prêmio igual, entendeu? Então nem todo mundo dessa lista aí (risos)... a maioria ganhava porque ia, porque estava com o livro na pasta, e não porque lia, entendeu? (Entrevista, julho de 2015).

Os dois estudantes apresentam diferentes versões sobre esta prática de premiar alunos leitores. Sem querer optar por uma das narrativas como verdadeira, tem-se em mente que “o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo” (BOSI, 2003, p.19). Ou seja, cada um



dos alunos tem para si uma visão acerca dos fatos, dotada de significados únicos para cada um deles.

A lista de 1988 foi a última encontrada, feita no mesmo ano em que Poliana ingressou na biblioteca. Segundo ela, foi o último ano em que realizaram este levantamento, e explica o motivo:

Tinha uma menina que pegava um livro e devolvia no outro dia sem ler. A gente achou que não tinha controle. (Entrevista, em março de 2015).

Helena também recorda esta situação:

Alguns alunos retiravam livros apenas com o objetivo de ganhar o prêmio. Mas o contato direto com os alunos nos possibilitava perceber os “mal intencionados” (Entrevista realizada em abril de 2015).

A narrativa das ex-bibliotecárias relata a interrupção de uma prática que tinha como objetivo conhecer uma parcela do público que utilizava a Biblioteca Manoelito de Ornellas, pois ficou registrado nestas listas quem eram os leitores que a biblioteca reconhecia e legitimava. O fato de alguns alunos retirarem livros apenas para aparecerem nos levantamentos demonstra a questão de *status* que era fazer parte destas listas.

Eurico, por não recordar das tais listas, faz uma observação quanto aos nomes dos demais colegas que também se faziam presentes nos documentos:

Não me recordo, mas olhando a lista abaixo consigo reconhecer alguns que eram ávidos leitores e outros tinham que ler porque era a ordem, como eu por exemplo (Entrevista realizada em julho de 2015).

Sua fala permite pensar que as listas não eram compostas apenas pelos *bons* leitores, como a própria biblioteca os classificava, e pelos “mal intencionados”, conforme fala de Helena. Eurico aponta um terceiro tipo de usuário, no qual se enquadra: aquele que lia por uma imposição da instituição.

Carlão, em sua narrativa, demonstra surpresa ao saber que seu nome havia sido mencionado nas listas:

Olha, pra ser bem sincero, eu fico surpreso que eu tenha sido um leitor assíduo na biblioteca, porque na minha memória de leitura da época, não é de ser um leitor assíduo. Eu acho que eu comecei a ler... eu descobri a leitura mais tarde. No final da minha faculdade. Então assim, lembranças de leitura antes, é muito mais uma questão de livros sugeridos ou obrigados a ler



durante o colégio e não tanto uma busca por leitura espontânea (Entrevista, junho de 2015).

A narrativa de Carlão assemelha-se a de Eurico, pois o ex-aluno também se define como alguém que realizava uma leitura imposta.

Rodrigo, mesmo afirmando ser um leitor assíduo, relata como era ser premiado e reconhecido como *bom leitor*:

Claro que eu chegava depois e mostrava: “ó pai, ganhei o prêmio de bom leitor”. Meu pai gostava muito. Pra mim não, não me lembro de ser uma coisa “óóó”, muito especial, sabe?! (risos) (Entrevista, em junho de 2015).

A narrativa do ex-aluno mostra o significado emblemático que era fazer parte destas listas, dando mais importância à expectativa de seu pai do que de si próprio. Explica ainda como ocorria a ida à biblioteca:

Tinha um horário que tu fazia isso... até o quarto ano era só... era a professora geral que dava todas matérias. Aí tinha um dia que “ó, vamos pra biblioteca”, aí a gente saía, inclusive era uma coisa organizada. Pra não dar tumulto. Nunca ia no recreio, ninguém ia abrir mão do recreio pra ir na biblioteca né (Entrevista realizada em julho de 2015).

A bibliotecária Clarissa, no entanto, afirma que havia um grupo de alunos que gostava de frequentar a biblioteca no recreio. Segundo ela, foi pintado um cesto de supermercado, onde eram colocados alguns gibis, o que despertava mais interesse de alguns alunos do que brincar no pátio. Pode-se pensar numa *estratégia de sedução* das bibliotecárias, no intuito de atrair os estudantes a um tipo de leitura tão desvalorizado ao longo do tempo.

Assim como a premiação por vezes era recebida por alunos que nem sempre realizavam a leitura das obras, pode-se dizer que nem todo aquele mencionado nas listas era um leitor por excelência, como era provavelmente esperado pela biblioteca. O nome de Lula, por exemplo, aparece em algumas listas de leitores assíduos. Ao ser questionado sobre o fato de ser considerado um leitor pela biblioteca, ele afirma:

No Farroupilha o ensino religioso era de duas formas... tu tinhas duas turmas: apesar de ser uma escola de tradição evangélica, que são os alemães, né, eles então, na época, a maioria da aula era católica. Metade da turma ia para a parte evangélica e metade era católica, ou mais da metade, enfim. Mas de qualquer forma, o horário de religião era isso. Só que eu não ia para nenhum lugar. Porque eu não fui batizado, então meus pais decidiram que...



minha mãe insistiu com isso, de que eu não fosse pra nenhum lugar. Ou seja: eu ia para a biblioteca [...]. Os meus colegas gostavam da história: “Bah, não vai precisar ir pra aula de religião”, não sei o que... Mas aí não podia ficar no pátio, brincando, nãñã. Tinha que ir pra biblioteca. Então isso aí... eu não me lembro se eu tirava livros nessa época, mas lembro que eu tinha que ficar na biblioteca. Tinha que ler alguma coisa [...]. Por isso minha assiduidade na biblioteca: toda semana era certo que eu estava lá. Não quer dizer que eu fosse um leitor de ah, ficar trocando livro, essas coisas. Não era assim tanto (Entrevista realizada em junho de 2015).

A narrativa de Lula evidencia um tipo de uso diferenciado da biblioteca: esta transformava-se num espaço para onde ele deveria ir por optar a não assistir às aulas de religião, fazendo do local uma espécie de *refúgio* de algo que não fazia parte de seu universo.

Numa tentativa de traçar o perfil de quem frequentava a biblioteca, Bianca afirma que se tratavam, em grande parte, de “meninas, que não eram tão interessadas por esportes”, como ela própria. Este fato leva a pensar que a biblioteca poderia também ser pensada com um *refúgio* às aulas de Educação Física, por exemplo.

Mas nem só de escapismos se constituem os usos da biblioteca pelos alunos. Eloísa narra como era frequentar a biblioteca:

Eu me lembro daquela expectativa de troca de livro, sabe? “Não posso esquecer meu livro hoje, que hoje eu vou ter a oportunidade (ênfatisa a palavra) de pegar um outro, né... uma outra obra”. Esta expectativa pra mim ficou na memória como uma coisa muito positiva. “Que que eu vou encontrar hoje?”. Isso eu tinha, assim (Entrevista realizada em julho de 2015).

A expectativa da troca de livro, considerada uma oportunidade, pela ex-aluna, Em outro momento, Eloísa recorda o uso que ultrapassa o momento de ida semanal à biblioteca com a turma:

Eu também ia com a minha mãe, porque na época a gente fazia férias de dois meses, né. Porto Alegre ficava totalmente vazia, então às vezes a gente ia para uma praia que não tinha... não pegava televisão, então tinha que ter coisa pra fazer. E o recurso eram os livros né. E então ela vinha e retirava dois, três, livrões pra ela, para o meu pai, e eu também tinha os meus, então é uma coisa que eu tenho esse registro assim bem presente (Entrevista realizada em julho de 2015).

A biblioteca, desta forma, constitui-se de um espaço que contribui para a leitura na esfera doméstica, não só pela própria aluna, mas também por seus pais, sendo sua mãe leitora



e frequentadora da biblioteca, conforme seu relato. A leitura viria suprir também certo *vazio* causado pelas férias e pela ausência da televisão, suprimindo uma necessidade de toda a família.

Ariadne também menciona o uso do livro em casa:

O livro estava sempre comigo na mochila e eu lia em casa também. Porque também eu acho que tem muito a ver com essa questão de acesso. A gente era muito “o livro”, tinha que fazer o tema, tinha uma agenda assim: vai para escola pela manhã, depois faz o tema, brincar, mas de noite era... não tinha ipad, computador, né, a gente lia! (Entrevista realizada em junho de 2015).

No caso de Ariadne, a ex-aluna afirma que, por ainda não existir o uso tão intenso de equipamentos eletrônicos como hoje, a leitura viria para satisfazer o tempo livre.

Ao enfatizar também que no lugar de computares as pesquisas eram feitas em enciclopédias, Lula, recorda que o espaço da biblioteca era utilizado também para a realização de estudos e trabalhos em grupo:

Eu me lembro assim, de combinar, às vezes, trabalhos com os colegas, em turno inverso. “Ó, tem que fazer um trabalho”, o lugar de encontro era a biblioteca [...]. Normalmente, a gente tinha enciclopédias em casa, às vezes um pouco defasadas, e certamente a gente sabia que ia encontrar aquilo né... E eu me lembro também uma época que tinha aula de manhã e de tarde, tinha que almoçar no colégio, e às vezes precisava também fazer um dever, um tema, alguma coisa, a gente também ia. Agora, tu perguntando assim, eu acho até que eu ia bastante, eu acho (risos). Mais do que eu lembrava. Interessante isso (Entrevista realizada em junho de 2015).

O estudante, durante o exercício de memória, foi percebendo que, ao contrário do que dizia, no início da entrevista, frequentou a biblioteca em diversos momentos. Lula também faz questionamentos sobre a *sacralidade* daquele espaço:

O que que eu vou te dizer? Aquele silêncio da biblioteca era uma coisa meio estranha para mim. Até hoje eu sinto assim, aquela história de... normalmente estava sozinho, tinha mais uma ou duas pessoas ali, a bibliotecária quieta, lá no canto, e eu ali. Não era uma coisa, assim, de um prazer imediato. Não era, mas assim, certo que era melhor do que religião (Entrevista realizada em junho de 2015).

Lula relata dois aspectos que a biblioteca representava a ele: o silêncio e a solidão. São marcas que ficaram em suas memórias, características intimistas do lugar dos livros que reverberam em sua narrativa. Assim, sua subjetividade traduz a concepção da biblioteca como



um lugar em que se sentia só, em que a fala era uma interdição. Neste sentido, a figura da bibliotecária, conforme sua fala, remete a um distanciamento em sua relação com os alunos e a biblioteca em si aparenta ser um lugar de quietude. O ex-aluno afirma não sentir prazer em estar ali, reafirmando ser tão somente uma fuga às aulas de religião.

Rodrigo também destaca a quietude da biblioteca em seu relato. Ao ser questionado sobre as bibliotecárias, ele diz:

[...] não me lembro do rosto, mas lembro que elas eram cordiais, assim, sabe... a biblioteca era sempre um lugar quieto, as bibliotecárias estão sempre quietas né (risos) (Entrevista, julho de 2015).

Em suas palavras, o silêncio da biblioteca parte das próprias bibliotecárias, ao afirmar que “estão sempre quietas”. Carlão parece concordar com as palavras de Rodrigo:

Eu me lembro da... Clarissa¹⁰, eu acho... Uma pessoa com uma voz, bem tranquila, né... (pausa, fica tentando lembrar). Tu vê, isso que eu ia toda semana né (risos). Não, mas estou me lembrando assim, porque na verdade eu não conversava muito né, com a pessoa, se fosse uma professora né... porque daí tu troca, o professor é uma pessoa que tu troca mais né, mas na biblioteca não, a pessoa que fica ali tu não tem interação né. A interação é com o resto tudo que está ali né, no livro (Entrevista, julho de 2015).

Ao comparar a figura da bibliotecária com a de um professor, Carlão diz não haver interação com a primeira. Diz ainda que esta troca ocorria com o livro, e não com o responsável pelo espaço. Importa refletir o quanto para ele a personagem “bibliotecária” era alguém imbuída desse *espírito* de quietude do lugar que pouco se aproximava dos frequentadores do lugar. A narrativa de Lula sobre estas funcionárias, complementa essa ideia do distanciamento das responsáveis pela biblioteca, traduzido num certa frieza em relação aos alunos. Ele diz:

Eu não lembro de ter um agradecimento, de gostar da pessoa que estava ali, era uma coisa fria, distante, um distanciamento, não era uma pessoa assim que “E aí tudo bem, quer que eu te ajude?”, não era uma coisa assim de... só se eu fosse lá pedir “Ah, tu não tem tal livro?”, entendeu? “Pode me ajudar?”... eu me lembro assim de só assim, de pedir ajuda e aí ter a resposta de quem estivesse ali (Entrevista, junho de 2015).

¹⁰ A entrevistada citou o nome real da bibliotecária, tendo sido substituído pelo pseudônimo.



Entretanto, Eurico e Ariadne construíram outras representações para a função da bibliotecária. O primeiro enfatiza o afeto delas com os estudantes:

Uma mistura de carinho, pois gostavam quando a gente retirava os livros, com rigidez, principalmente quando se fazia barulho (Entrevista, julho de 2015).

Na sequência, Ariadne complementa a fala anterior, valorizando a disponibilidade em ajudar por parte das bibliotecárias:

Tu chega no balcão, pede teu livro, tu pode fazer retirada, mas a bibliotecária sempre: -“Tu quer alguma ajuda?”, -“Eu posso te ajudar?”. Não, às vezes tu quer circular um pouco né (Entrevista, junho de 2015).

Em outro momento da entrevista, ela diz que

As bibliotecárias eram muito austeras, tinha essa questão de nos dar as ferramentas para poder usar a biblioteca, mas a biblioteca sempre foi um espaço de... a gente não podia se soltar muito né, era sempre muito vigiado, um espaço muito controlado, então sempre a permanência do “shhhhh”, “não pode falar”, “silêncio”, “fala baixo”. Era um lugar de poucas manifestações. As crianças não tinham espaço para se manifestar. Tu tinha ali uma atividade dirigida, e era isso. A bibliotecária não era um pessoa muito simpática né. Era meio avessa à intervenção do aluno. Tu vai lá, escolhe teu livro e vem embora (Entrevista, junho de 2015).

Enquanto Lula talvez desejasse uma interação maior com as bibliotecárias, talvez para romper com o silêncio tão mencionado, Ariadne parece sentir a necessidade de uma certa liberdade na biblioteca, onde pudesse circular com mais autonomia. Observa-se no relato dela que a disponibilidade da funcionária também evidencia uma forma de controle dos alunos, de disciplinarização do uso do lugar dos livros.

Estas análises tiveram o intuito de apresentar a trajetória da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, a partir dos usos que um grupo de estudantes fez deste local. Buscou-se dar outro sentido a um espaço que está comumente associado ao silêncio e à solidão, apostando que as experiências destes indivíduos contribuem para narrar um pouco da trajetória de uma biblioteca escolar.

Considerações



Com o objetivo de investigar a historicidade de uma biblioteca escolar e compreender de que forma um grupo de alunos estabelecia relações com a mesma, elegeu-se como objeto de estudo a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, entre 1949 e 2000, a partir da interpretação de documentos mantidos pela instituição e das narrativas de entrevistados que mantiveram relação com a biblioteca em algum momento de suas experiências na instituição.

Para problematizar estes usos, investigou-se, primeiramente, um pouco da história deste espaço. Relatos e documentos escritos ajudam a pensar em dois momentos da biblioteca, sendo o primeiro na sede antiga da instituição, no Centro Histórico de Porto Alegre. Com a mudança para o Bairro Três Figueiras, na década de 1960, o colégio foi preparando a criação da *nova* biblioteca, em 1968, que viria a ser chamada Manoelito de Ornellas, acompanhando a modernidade pedagógica da época.

Com base no que foi analisado, entende-se que a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, em especial, a partir de 1968, quando foi criada a Biblioteca Manoelito de Ornellas, constituiu-se em um espaço *moderno*, que visava, ao menos teoricamente, fazer-se presente nas experiências escolares de seus alunos, o que pode se inferir, por exemplo, a partir da análise de uma enquete para conhecer as preferências de leitura de seus alunos, e da *Ação Biblioteca*, campanha que objetivou arrecadar fundos para a construção do novo acervo, colocando os alunos como protagonistas, conforme relato de Iracema.

A biblioteca parece ter também apostado na *excelência* de seus leitores, a partir da criação de listas de *melhores leitores*, num ato de fiscalização e regulação das leituras ou da ausência delas, apostando na premiação como um ato de reconhecimento e incentivo à leitura, conforme a ex-bibliotecária Clarissa. Embora reconhecidos como *melhores leitores*, alguns usuários apontam certa transgressão ao modelo idealizado pela biblioteca, alegando não sentirem-se afetados pela rotulação dada pela biblioteca.

Diferentes são os usos feitos pelos alunos, mas a sacralidade da biblioteca é um elemento que se faz presente na maioria das lembranças dos entrevistados, acompanhado da figura de seriedade da bibliotecária. O som do “*shhh*” parece ecoar a cada narrativa escutada, a cada relato a respeito da sobriedade e solidão vinculados a este espaço que tem sua trajetória atravessada pelos mais diversos episódios.

Os ex-alunos reconhecem que as utilizações deste espaço iam além da realização da *boa leitura*, esperada pela instituição. Conforme seus relatos, este lugar passou de um simples lugar de leitura, para um espaço de muitos outros usos. Houve, certamente, quem fez da



biblioteca um espaço de leitura, quem retirava as obras, realizava a leitura e retornava ao local para fazer a troca do livro, reafirmando o modelo de leitor idealizado pelo espaço. Mas houve também quem transgrediu este ideal, ressignificando o papel da biblioteca e fazendo dela um local de fuga às aulas da qual não desejasse participar, um ponto de encontro entre colegas, um local que proveria o lazer das férias desertas em Porto Alegre ao longo da década de 1980.

Estas e outras tantas possibilidades, que emergem dos novos olhares trazidos pela História Cultural, permitem ressignificar objetos dados ao esquecimento, ao silêncio. Este estudo pretende contribuir para a produção do conhecimento em História da Educação, de forma a dar visibilidade a práticas que têm algo a dizer sobre a cultura escolar, sobre os modos de ser aluno, leitor, ou usuário de uma biblioteca, sobre as infinitas relações que se estabeleceram com este espaço, tirando-o de sua quietude.

Bibliografia

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **As marcas do novo: do Colégio Alemão ao Colégio Farroupilha**. In: QUADROS, Claudemir de (org.). Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil. Santa Maria: UFSM, 2014, p. 163-181

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral**. História, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. São Paulo: Record, 1980.

_____. Muito Além da Internet. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 de dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1412200304.htm>> (acesso em: jun/2014).

_____. **A memória vegetal: e outros escritos sobre bibliofilia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras, 1990, 271 p.

GOULEMOT, Jean-Marie. **O amor às bibliotecas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.



JACQUES, Alice. **A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha (1886)**. In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice; ALMEIDA, Dóris (orgs.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: memórias e histórias (1858-2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 51-76.

_____. **O ensino primário nas páginas do diário da diretora Vera Elisabeth Matte (1968/1973)**. In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Orgs.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Memórias e Histórias (1858-2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, v. II, p. 327-346.

NÓVOA, António. Carta a un joven historiador de la educación. **Historia y Memoria de la Educación**, 1 (2015):23-58. Sociedad Española de Historia de la Educación.

PINTO, Celi Regina Jardim. **A noção de discurso**. In: PINTO, Celi Regina Jardim. *Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney*. São Paulo: HUCITEC, 1989, 193 p.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Bibliotecas escolares: experiências escolanovistas nos anos de 1920-1930**. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 187-212.

Recebido em 15 de março de 2016
Aprovado em 01 de Agosto de 2016